

Luigi Giussani, *O sentido religioso*, Verbo

Apresentação de Julián Carrón

Palasharp de Milão, 26 de Janeiro de 2011

1. *O SENTIDO RELIGIOSO, VERIFICAÇÃO DA FÉ*

«E quando as estrelas vejo arder no céu, / Digo entre mim, pensando: / Para quê tantas luzes? / O que faz o espaço infinito e o profundo / Céu sereno? / Que significa esta / solidão imensa? E eu que sou?»¹

Esta poesia de Giacomo Leopardi exprime de forma admirável a experiência em que se revela o sentido religioso do homem. O impacto do eu com a realidade desencadeia a pergunta humana. Ou seja, há em nós uma estrutura inata que, no impacto com o real, é inexoravelmente posta em andamento, de modo a mobilizar todo o dinamismo da nossa pessoa.

Pelo simples facto de viver, nenhum homem pode evitar certas perguntas, independentemente de sua filiação étnica ou cultural: «“Qual é o significado último da existência? Porque existe a dor e a morte, porque é que, no fundo, vale a pena viver?” Ou então, noutra perspectiva: “De que é feita a realidade, e para quê?”» O sentido religioso – como Dom Giussani sempre nos ensinou – identifica-se com a natureza do nosso eu na medida em que se exprime nestas perguntas, «*coincide com o radical compromisso do nosso eu com a vida, que se exprime nestas perguntas*»².

Mas porquê retomar agora o texto de *O sentido religioso*, fazendo dele objecto do nosso trabalho comum? É uma pergunta que me foi dirigida em diversas ocasiões desde que tomámos essa decisão. A ideia surgiu da experiência dos últimos Exercícios da

¹ Leopardi, G. “Canto nocturno de um pastor errante da Ásia”, vv. 79-89. in *Cantos*, Lisboa: Vega, s.d., p. 71.

² Giussani, L. *O sentido religioso*, Lisboa: Verbo, 2000, p. 67. O sentido religioso é “a inclinação do homem para o seu princípio e para o seu destino últimos; a percepção indistinta, intuitivamente relampejada em sua consciência, do facto de ser dependente e responsável; o pronunciamento informe e natural da alma acerca de sua arcana relação com o Ser supremo; o gesto inato da natureza humana em atitude de adoração e de súplica; a exigência do espírito por um Infinito pessoal, tal como o olho exige a luz e a flor exige o sol”. Foi em 1957 que, na sua carta pastoral escrita por ocasião da Quaresma, o então cardeal arcebispo de Milão Giovanni Battista Montini empregou essas palavras. Poucos meses depois, Luigi Giussani publicava a primeira edição de *O sentido religioso*. Exactamente quarenta anos depois, Dom Giussani terminou a última e definitiva versão dessa obra (que é também o primeiro volume de seu PerCurso fundamental).

Fraternidade, em que reli dois capítulos de *O sentido religioso* “a partir da fé”, como tive oportunidade de observar.

Tudo nasceu de constatar, em nós também, que até temos a graça de estar inseridos numa certa história, uma fragilidade da fé enquanto conhecimento (a que chamámos “fractura entre saber e crer”). Nós também participamos da redução da fé a um sentimento ou a uma ética. Dom Giussani observou que isso acontece não apenas quando o cristianismo deixa de ser proposto segundo a sua natureza de acontecimento, mas também em consequência de uma falta do humano em nós. De facto, o cristianismo tem um grande “inconveniente”: para ser reconhecido e vivido, exige homens. Nos Exercícios da Fraternidade do ano passado procurei, relendo alguns capítulos de *O sentido religioso*, mostrar a natureza e a dinâmica desse “humano” que nos falta, diminui ou se paralisa. Muitos se impressionaram ao ver como aqueles capítulos eram pertinentes ao percurso que temos feito, e pediram-me que retomássemos juntos, a partir desta perspectiva, o texto inteiro.

Mas o que significa abordar *O sentido religioso* a partir da fé? Nós estamos acostumados a entender o “sentido religioso” como um simples preâmbulo à fé: por isso, parece-nos quase inútil, depois que alguém chega à fé. Como se fosse uma escada que usamos para subir ao andar de cima: depois que subimos, podemos passar sem ela. Não! Não só é preciso um sentido religioso sempre vivo para que o cristianismo seja reconhecido e experimentado como aquilo que é – como Dom Giussani sempre nos lembrou, citando Niebuhr: “Nada é tão inacreditável como a resposta a uma pergunta que não é feita”³, ou que já deixou de ser feita –, mas também, em segundo lugar, é justamente no encontro com o acontecimento cristão que o sentido religioso se revela em todo o seu alcance original, chega a uma clareza definitiva, é educado e salvo. Cristo veio para nos educar para o sentido religioso, como Dom Giussani sempre nos disse (mais adiante retomarei isto). Um sentido religioso vivo representa, portanto, uma verificação da fé.

É muito significativa, neste sentido, a resposta de Dom Giussani a Angelo Scola, numa famosa entrevista: «A sua proposta pedagógica – pergunta Scola – apoia-se no sentido religioso do homem, é isso?» «O coração da nossa proposta – responde Giussani – é, antes, o anúncio de um acontecimento que se deu e que surpreende os homens do mesmo modo que, há dois mil anos, o anúncio dos anjos em Belém surpreendeu alguns

pobres pastores. Um acontecimento que se dá, independentemente de qualquer consideração sobre o homem religioso ou não religioso. É a percepção desse acontecimento que volta a suscitar ou potencializa o sentimento elementar de dependência e o núcleo de evidências originais a que damos o nome de “sentido religioso”»⁴. O acontecimento cristão, portanto, volta a suscitar ou potencializa o sentimento de dependência original e as evidências originais.

Assim como o trabalho destes anos sobre o livro de Dom Giussani *É possível viver assim?* nos permitiu ver a novidade humana que nasce da fé, de modo a poder verificar como a fé é pertinente às exigências da vida, o trabalho que estamos para começar sobre *O sentido religioso* poderá permitir-nos aprofundar o olhar sobre essa pertinência: com efeito, esta constata-se na capacidade que a fé tem de despertar o eu, de fazê-lo ser ele mesmo, de mantê-lo na posição certa para enfrentar a existência inteira, com as suas provações e a sua problematicidade.

Esta é, então, a perspectiva a partir da qual leremos o texto: retomando *O sentido religioso*, e confrontando-nos com este, poderemos verificar até que ponto a experiência que fizemos nestes anos conseguiu ter incidência sobre a nossa vida ou, noutros termos, “em que é que Cristo é útil para o caminho percorrido pelo homem na sua relação com as coisas, quando caminha rumo ao seu destino. Senão, se não tem essa incidência como presença real, Cristo é uma coisa que não tem a ver com a vida, que não teria a ver com a vida. Teria a ver com a vida futura, mas não teria a ver com esta vida; e essa é a posição própria do protestantismo”⁵. Realmente, se Cristo está presente, não é por dizermos isso que O podemos reconhecer, mas sim graças aos sinais. “Está, se actua”⁶: essa é a regra que sempre nos ensinaram. Posso descobrir que Cristo está presente pelos sinais do despertar humano que vejo ocorrer em mim ou nos outros. A Sua presença é tão objetiva como são objetivos os sinais que a documentam.

Empenhando-nos no texto de *O sentido religioso* poderemos, então, verificar se o encontro com Cristo “voltou a suscitar ou potencializou” o sentimento de dependência original, o núcleo de evidências e exigências originais (de verdade, justiça, felicidade, amor) a que Dom Giussani chama “sentido religioso” e que despertam no impacto do eu

³ Cf. Niebuhr, R. *Il destino e la storia. Antologia dei scritti*. Milão: BUR, 1999, p. 66.

⁴ Giussani, L. *Un avvenimento di vita, cioè una storia*. Milão: Edit-Il Sabato, 1993, p. 38.

⁵ Giussani, L. *L'attrattiva Gesù*. Milão: BUR, 1999, p. 287.

⁶ Giussani, L. *Carta à Fraternidade*, 7 de outubro de 1997.

com a realidade. Ora, se é verdade que num certo sentido é inevitável que assomem essas evidências e exigências originais, é igualmente verdade que a consciência delas normalmente é reduzida, ofuscada ou silenciada. É isto que podemos perceber na debilidade ou na ausência, também entre nós, porventura depois de anos de permanência no Movimento, da noção de mistério na percepção do nosso eu, que fica tão tragicamente reduzido – com muito mais frequência do que nos damos conta – a uma soma de desempenhos e de reações, a uma consequência de antecedentes históricos e biológicos, a um produto das circunstâncias. Eis por que um sentido religioso desperto, não reprimido ou censurado, constitui um sinal e uma verificação do encontro com algo maior do que nós próprios.

O mesmo se pode dizer a propósito da razão, que a experiência revela como «exigência operativa destinada a explicar a realidade em *todos os seus factores*, de tal maneira que o homem seja introduzido na verdade das coisas»⁷. Desafiada pelo impacto com a realidade a ser verdadeiramente ela mesma («inexaurida abertura») e a pôr-se em movimento em busca de sua explicação exaustiva, a razão alcança seu ápice autêntico quando intui a existência de um além, do qual tudo nasce a ao qual tudo remete. «O vértice da conquista da razão é a percepção de um existente desconhecido, inatingível, a que todo o movimento do homem é destinado, porque também é dele que depende. É a ideia de *mistério*»⁸. Uma pessoa que não bloqueasse o dinamismo racional posto em movimento pelo impacto com a realidade chegaria a viver a consciência do mistério. E, quanto mais intensamente vivesse a realidade, mais a dimensão do mistério se lhe tornaria familiar.

Mas, aqui também, há uma grande e quase irresistível tentação de reduzir, de utilizar a razão como medida, e não como janela escancarada «face ao inexaurido apelo do real»⁹. A consequência inevitável é a redução da percepção da realidade, privada de mistério. É o que podemos constatar na «destituição do visível», no abatimento ou no esvaziamento das circunstâncias, das coisas que nos acontecem, das coisas que normalmente fazemos: a realidade, que se apresenta originalmente à nossa razão como sinal, é reduzida ao seu aspecto perceptivelmente imediato, privada do seu significado, da sua profundidade. Por isso tantas vezes – cada um de nós pode verificá-lo em sua

⁷ Giussani, L. *O sentido religioso*, op. cit., p. 137.

⁸ *Id.*, p. 162.

⁹ *Id.*, p. 137.

experiência – sufocamos nas circunstâncias: quando é reduzida a aparência, a realidade transforma-se numa jaula.

Como o então cardeal Ratzinger observava, anos atrás, «Não é função menor da fé que ela ofereça a cura para a razão enquanto razão; não a violenta, não se lhe mantém alheia, mas recondu-la de novo a si mesma»¹⁰. De novo a exaltação da razão, a libertação das suas reduções é a verificação de uma fé real.

Ora, por que é tão hoje decisivo que o sentido religioso se reacenda? Por que temos essa premência? É decisivo porque o sentido religioso é o critério último de todo juízo, de um juízo verdadeiro e autenticamente “meu”: se não quisermos «ser enganados, alienados, escravos de outros, instrumentalizados»¹¹, temos de habituar-nos a comparar tudo com esse critério imanente e objetivo que é o sentido religioso. Depois do encontro cristão nós continuamos, de facto, a viver no mundo e somos chamados a enfrentar, como toda a gente, os desafios da vida. Temos de enfrentá-los neste momento particular, histórico, dominado pela confusão e pela «quebra do desejo», por um racionalismo sufocante, de um lado, e por um sentimentalismo generalizado, do outro, pela redução da realidade a aparência e do coração a sentimento. Se Cristo não incide sobre nós despertando a nossa humanidade, alargando a nossa razão e não reduzindo a realidade, damos por nós a pensar como toda a gente, com a mesma mentalidade de toda a gente, pois o critério de juízo que possuímos originalmente, o «coração», que é razão e afeição ao mesmo tempo, fica envolvido nessa confusão. Isso significa que podemos continuar a afirmar a “verdade” da fé, mas não ser protagonistas da história, uma vez que não há em nós nenhuma diferença relevante, como disse Bento XVI: «A contribuição dos cristãos só é decisiva se a inteligência da fé se torna inteligência da realidade»¹².

Isto, além de nos tornar inúteis para a história (cada vez mais dominada por um “poder” que visa lançar o homem na confusão, reduzir o seu desejo e promover um uso reduzido da razão), faz surgir a dúvida sobre a razoabilidade da fé. Por que é razoável sermos cristãos? Qual é a conveniência humana da fé? O motivo por que tantos abandonam a fé é não vislumbrarem nenhum indício da sua conveniência. Assim, o poder pode ampliar cada vez mais a sua influência, ao encontrar o homem cada vez

¹⁰ Ratzinger, *Fé, verdade e tolerância*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 2007, p. 123-124.

¹¹ Giussani, L. *O sentido religioso*, op. cit., p. 23.

¹² Bento XVI. *Discurso aos participantes da XXIV Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para os Leigos*. Cidade do Vaticano, 21 de maio de 2010.

mais desarmado. «É como se o poder, ou seja, a mentalidade dominante, tivesse obrigado os nossos educadores, incluindo os pais, a alterar a simplicidade da nossa natureza [“as evidências originais”, dizíamos antes] desde pequenos. Por isso, é preciso recuperar a simplicidade da nossa natureza. Esta Escola de Comunidade sobre *O sentido religioso* nada mais é que um convite e um estímulo a recuperar a simplicidade, a autenticidade da nossa natureza (por algum motivo, na terceira premissa, a moralidade necessária para conhecer se chama “pobreza de espírito”»¹³.

Nós podemos ser cúmplices da influência do poder se acharmos, presunçosamente, que nos podemos desenrascar sozinhos, sem seguir inteligente e afectivamente o único ponto que nos foi concedido pelo Mistério para nos subtrair ao nada. A confusão, mesmo entre nós, pode ser tão profunda que, quando procuramos apontar uma solução para a situação em que vivemos, nos vemos a repetir as respostas de toda a gente: alguns pensam que a solução é chegar a acordo («estar juntos»), outros que esta se encontra na política, numa maior participação na distribuição do poder, ou então na carreira, ou numa nova aventura afectiva, e assim por diante. Depois de dois mil anos de história cristã, depois de anos de graça do carisma, nós poderíamos encontrar-nos na situação do homem antes de Cristo: uma variedade infinita de esforços em última instância impotentes, em que cada um enfatiza os seus preconceitos ou os aspectos mais correspondentes à sua índole.

«Quem nos libertará desta condição de morte?», diríamos, como São Paulo. De que precisamos? De que experiência? É dessa variedade de esforços em última instância impotentes que Cristo nos liberta. Procuremos regressar à origem.

2. CRISTO ESCLARECE O SENTIDO RELIGIOSO

Convidando-nos a identificar-nos com o Evangelho de João, Giussani descreve de modo admirável como esse facto aconteceu.

«Finalmente veio este João, chamado o baptista, que vivia de tal maneira que todas as pessoas ficavam impressionadas com ele e, desde os fariseus até o último camponês, deixavam suas casas para ir ouvi-lo falar, pelo menos uma vez. Se eram muitos ou poucos, não sabemos; porém naquela ocasião estavam lá dois que vinham pela primeira vez, e estavam totalmente atentos, de boca aberta, na atitude de quem vem de longe e vê

¹³ Giussani, L. *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*. Milão: BUR, 2010, p. 162.

aquilo que veio ver com uma curiosidade sem restrições, com uma pobreza de espírito, uma infantilidade e simplicidade de coração [...]. A certa altura, uma pessoa destaca-se do grupo e vai-se embora pelo trilho que segue ao longo do rio. Quando essa pessoa se mexe, o profeta João Baptista, repentinamente inspirado, põe-se a gritar: “Eis o Cordeiro de Deus. Eis Aquele que tira os pecados do mundo”. As pessoas não fazem caso [...]. Mas aqueles dois, de boca aberta e olhos arregalados como duas crianças, vêm para onde se dirige o olhar de João Baptista: para aquele indivíduo que está a ir embora. Então, instintivamente, vão no seu encalço, seguem-no, tímidos, embaraçados. Ele percebe que alguém o segue. Volta-se: “O que quereis?” “Mestre – respondem – onde moras?”. “Vinde e vede”, diz-lhes gentilmente. Vão, “e viram onde morava, e ficaram com Ele todo aquele dia”. Nós identificamo-nos facilmente com aqueles dois ali sentados, vendo aquele homem falar e dizer coisas nunca antes ouvidas, mas tão próximas, tão pertinentes, tão apelativas. [...] Eles não entendiam, estavam simplesmente presos, enlevados, extasiados por aquele modo de falar: *olhavam-No a falar*. Pois foi por meio de um “olhar” [...] que alguns homens se aperceberam que havia entre eles algo inenarrável: uma Presença não apenas inconfundível, mas incompreensível, e mesmo assim tão penetrante. Penetrante porque correspondia ao que o coração deles esperava, de um modo que não se comparava com nada: seu pai e sua mãe não lhes tinham dito, quando eram pequenos, com a mesma evidência e eficácia, aquilo por que o tempo de sua vida valia a pena ser vivido. Não puderam nem souberam dizê-lo; diziam muitas outras coisas correctas, boas, mas como fragmentos de algo que era preciso tentar agarrar no ar para ver se um encaixava noutro. Uma correspondência profunda. [...] À medida que as palavras chegavam até eles, e que o seu olhar, atordoado e admirado, penetrava naquele homem, eles sentiam-se mudar, sentiam que as coisas mudavam: o significado das coisas mudava, o eco das coisas mudava, o caminho das coisas mudava». O relato não termina aqui, porque Giussani imagina o regresso de João e André a casa, depois do encontro com Cristo: «E quando voltaram, à noite, ao cair da tarde – muito provavelmente percorrendo aquele mesmo caminho em silêncio, pois nunca tinham falado um com o outro como naquele grande silêncio em que um Outro falava, em que Ele continuava a falar e a ecoar dentro deles –, e chegaram a casa, a mulher de André, encarando-o, disse-lhe: “Mas o que é que tens, André, o que é que tens?” E os filhotinhos, pasmados, olhavam para o pai: era ele, sim, era ele, mas era “mais” ele, estava diferente. Era ele, mas estava diferente. E quando – como dissemos uma vez, comovidos, usando uma imagem fácil de pensar por ser tão realista – ela lhe

perguntou: “O que é que aconteceu?”, ele abraçou-a. André abraçou a sua mulher e beijou os seus filhos: era ele, mas nunca a tinha abraçado assim! Era como que a aurora, ou o amanhecer, ou o crepúsculo de uma humanidade diferente, de uma humanidade nova, de uma humanidade mais verdadeira. Como se dissesse: “Finalmente!” sem crer nos seus próprios olhos. Mas era evidente de mais para não acreditar nos seus olhos!»¹⁴

Essa cena descreve melhor do que mil palavras como o sentido religioso do homem se esclareceu historicamente, por ter encontrado seu verdadeiro objecto. Ao encontrar Jesus, André era ele, mas era “mais” ele, estava diferente. De facto, «o objecto do sentido religioso, em última instância, é o Mistério insondável; por isso, é compreensível que o homem, ao pensar na questão, tenha mil pensamentos diferentes. Mas a verdade é uma apenas, só que o homem não a pode alcançar. O Mistério, portanto, tornou-se um facto humano, fez-se homem, um homem que andava com as pernas, que comia com a boca, que chorava com os olhos, que morreu: este é o verdadeiro objecto do sentido religioso. Assim, é descobrindo o facto de Cristo que também se me revela, se esclarece para mim de modo extraordinário o sentido religioso»¹⁵. E assim me liberta de todos os meus esforços.

Isto não é mais que a aplicação de uma lei universal, que existe desde que o homem é homem («A pessoa descobre-se a si mesma num encontro vivo»¹⁶); mas é aqui, no encontro com a presença do Mistério que se tornou um facto humano, que essa lei se realiza, se concretiza de modo definitivo: «Quando encontrei a Cristo descobri-me homem»¹⁷, disse o orador romano Mário Vitorino, ao anunciar publicamente sua conversão. Porque «é num encontro que eu me apercebo de mim mesmo. [...] É justamente num encontro que o eu desperta da sua prisão no seu útero original, desperta do seu túmulo, do seu sepulcro, da situação fechada da origem e – como dizer – “ressurge”, toma consciência de si, precisamente num encontro. O resultado de um encontro é que suscita o sentimento da própria pessoa. É como se a pessoa nascesse: não nasce ali, mas no encontro toma consciência de si mesma; portanto, nasce como personalidade»¹⁸.

Esse encontro habilita-nos a descobrir o mistério do nosso “eu”. «Era ele, mas era

¹⁴ Giussani, L. *Il tempo si fa breve*. Esercizi della Fraternità di Comunione e Liberazione. Appunti dalle meditazioni. Milão: Cooperativa Editoriale Nuovo Mondo, 1994, p. 23-25.

¹⁵ Giussani, L. *L'autocoscienza del cosmo*. Milano: BUR, 2000, p. 17.

¹⁶ Giussani, L. *L'io rinasce in un incontro*, op. cit., p. 182.

¹⁷ Cf. Mário Vitorino. *In epistola ad Ephesios*, II, 4, 14.

“mais” ele», nunca fora tão ele mesmo. Por isso durante uma palestra, referindo-se ao texto d’*O sentido religioso*, Dom Giussani se pergunta: «Por que é que fomos nós que fizemos o livro sobre o sentido religioso [...]? Porque encontramos Jesus e, olhando para Ele e ouvindo-O, percebemos o que estava dentro de nós: “Quem Te conhece conhece-se a si mesmo”, dizia Santo Agostinho. [...] Porque para conhecer o sentido religioso e para desenvolver o sentido religioso tivemos de encontrar alguém: sem esse mestre, não nos teríamos percebido a nós mesmos. Por isso, posso dizer a Cristo: “Tu és realmente eu”. Posso dizer-lhe “Tu és eu” justamente porque, ouvindo-O, me percebi a mim mesmo. Ao passo que, quem se procura perceber a si mesmo reflectindo sobre si, perde-se em miríades de caminhos, em miríades de ideias, em miríades de imagens»¹⁹.

3. CRISTO EDUCA O SENTIDO RELIGIOSO

Justamente porque revela e esclarece o sentido religioso do homem, Cristo pode também educá-lo. Há quem possa pensar – mesmo alguém que já encontrou a Cristo ou vive num contexto cristão – que, sendo o sentido religioso um recurso original, não há nenhuma necessidade de que seja educado ou que, uma vez despertado, ele prossegue por si mesmo, transforma-se espontaneamente na dimensão de cada instante. A seguinte passagem de Dom Giussani ajuda-nos a compreender até que ponto isso é abstracto: «Durante uma conversa na qual tive a oportunidade de participar, um importante professor universitário deixou escapar esta frase: “Se não tivesse a Química, matava-me!” Na nossa dinâmica interior existe sempre, ainda que não declarado, um jogo deste género. Há sempre alguma coisa que, aos nossos olhos, torna a vida digna de ser vivida e sem a qual, mesmo não se chegando a desejar a própria morte, tudo seria incolor e decepcionante. O homem oferece a essa “coisa” [o “deus”], [...] toda a sua devoção. Ninguém pode evitar uma implicação final: no momento em que a consciência humana, vivendo, lhe corresponde, exprime-se uma religiosidade, realiza-se um nível de religiosidade, seja ela qual for. O sentido religioso tem como sua característica própria ser a dimensão última e inevitável de todo o gesto, de toda a acção, de todo o tipo de relação. [...] A não educação do sentido religioso [...] documenta-se exactamente nisto:

¹⁸ Giussani, L. *L’io rinasce in un incontro*, op. cit., p. 206-207.

¹⁹ Giussani, L. *L’autocoscienza del cosmo*, op. cit., p. 17-18.

existe em nós uma repugnância, que se tornou instintiva, a que o sentido religioso domine, determine conscientemente cada acção. O sintoma da atrofia e da parcialidade do desenvolvimento do sentido religioso em nós é precisamente aquela dificuldade extensa e pesada, uma estranheza que sentimos quando ouvimos dizer que o “deus” é o determinante de tudo, é o factor ao qual não se pode fugir, é o critério com base no qual se decide, se estuda, se completa o produto do próprio trabalho, se adere a um partido, se investiga cientificamente, se escolhe uma mulher ou um marido ou se governa uma nação”²⁰.

Cada um pode avaliar que amplitude assume em si próprio essa repugnância em deixar que tudo na sua vida seja determinado por Deus. Entenderá, assim, até que ponto precisa de se deixar educar no sentido religioso. De facto: «A educação do sentido religioso deveria, por um lado, favorecer a tomada de consciência desse dado de total e inevitável dependência que existe entre o homem e aquilo que dá sentido à sua vida e, por outro, ajudá-lo a vencer, com o tempo, aquela estranheza irrealista que ele sente em relação à sua situação original»²¹.

Compreende-se, então, o motivo da Encarnação: «A finalidade para a qual Deus se fez homem é educar o homem para o sentido religioso, pois o sentido religioso é a posição de partida exacta do homem perante toda a realidade e o próprio Mistério que faz a realidade. Por isso, seguir a Cristo é estar em condições de enfrentar a realidade e de caminhar rumo ao destino da melhor maneira: chama-se salvação, tal como a designámos aqui, não no sentido definitivo do termo, mas no sentido dispositivo do termo. Se a pessoa segue a Cristo, está nas melhores condições para enfrentar a realidade e para enfrentar o problema do destino»²².

Mas como é que nós, hoje, somos educados para o sentido religioso? Participando da vida dessa realidade em que Cristo continua a ser contemporâneo: a Igreja. «A funcionalidade da Igreja no cenário do mundo está já implícita na sua consciência de ser o prolongamento de Cristo: é, pois, a própria funcionalidade de Jesus. A função de Jesus na história é educar o homem e a humanidade para o sentido religioso (precisamente para poder “salvar” o homem!), onde, por religiosidade ou sentido religioso, se entende

²⁰ Giussani, L. *Porquê a Igreja*, Lisboa: Verbo, 2004, p. 15-16.

²¹ *Ibid*, p. 16.

²² Giussani, L. *L'attrattiva Gesù*, op. cit., p. 286-287.

[...] a posição exacta da consciência e da tentativa de uma atitude prática do homem diante do seu destino”²³.

Isto demonstra a necessidade que o Mistério permaneça na história. De facto, se Cristo não continua a ser contemporâneo e não continua a desafiar o homem, este volta a ficar irremediavelmente sozinho. E, sozinho, cada um de nós sabe até onde pode precipitar-se.

Como nos podemos libertar desta decadência inexorável?

4. CRISTO SALVA O SENTIDO RELIGIOSO

Ninguém consegue manter-se por si mesmo na atitude certa para a qual, porém, o encontro com Cristo o abriu totalmente. Por isso, a única resposta à nossa fragilidade é a permanência real da Sua presença.

A situação histórica em que nos encontramos hoje no Ocidente constitui, nesse sentido, um verdadeiro desafio também para o cristianismo, que é obrigado a mostrar a verdade da sua pretensão de responder às exigências do homem. De facto, não servirá uma qualquer versão do cristianismo para despertar a humanidade do homem (como bem sabemos). Nem um cristianismo reduzido a um discurso (“nocional”, no sentido newmaniano do termo), nem um cristianismo reduzido a uma ética serão capazes de tirar o homem de seu torpor (no discurso à Cúria Romana de 20 de dezembro passado, Bento XVI falou do «sono de uma fé que se sente cansada»), do abatimento cada vez mais clamoroso do seu desejo, de seu impulso original, de seu gosto de viver. É na capacidade de despertar continuamente o humano que se vai demonstrar a autenticidade do cristianismo.

Só um cristianismo que conserve a sua natureza original, os seus traços inconfundíveis de presença histórica contemporânea – a contemporaneidade de Cristo – pode estar à altura da real necessidade do homem e, por isso, ser capaz de salvar o sentido religioso. Não se trata de um postulado que temos de aceitar, mas de uma novidade humana que temos de surpreender em acção: o anúncio cristão submete-se a essa verificação, ao tribunal da experiência humana. Se, no homem que aceita pertencer a Cristo mediante a realidade da Igreja, concreta e persuasivamente emergente na sua experiência (carisma), acontece aquilo que ele mesmo, por suas próprias forças, não é

²³ Giussani, L. *Porquê a Igreja*, op. cit., p. 183.

capaz de alcançar – um despertar e uma realização do humano impensáveis, em todas as suas dimensões fundamentais –, então o cristianismo revelar-se-á credível e a sua pretensão será verificável. «Cada árvore conhece-se pelo seu fruto»²⁴: eis aqui o formidável critério epistemológico que o próprio Jesus nos oferece. A mudança gerada pela relação com Cristo presente é tal, que São Paulo não hesita em exclamar: «Por isso, se alguém está em Cristo, é uma nova criação. O que era antigo passou; eis que surgiram coisas novas»²⁵. A criatura nova é o homem em quem o sentido religioso se realiza na sua – de outra forma impossível – plenitude: razão, liberdade, afeição, desejo.

«Cristo atraindo-me todo a si, tão belo é!»²⁶, exclamava Jacopone da Todi. Esta beleza, enquanto esplendor da verdade, é a única coisa capaz de despertar o desejo do homem e de mover tão fortemente a afeição que torna continuamente possível a abertura da sua razão à realidade que tem à sua frente («A condição para que a razão seja razão é que a afectividade a invada e, assim, mova o homem inteiro»²⁷). O atractivo de Cristo facilita (não realiza automaticamente) essa abertura, que sem Ele seria impossível. A contemporaneidade de Cristo permite assim à razão toda a sua abertura, dando-lhe a possibilidade de alcançar uma compreensão da realidade antes desconhecida: todas as coisas, todas as circunstâncias, até a mais banal, são exaltadas, tornam-se sinal, “falam”, são interessantes de viver. O homem assim despertado e sustentado pela presença de Cristo pode viver finalmente como homem religioso, suportar a vertigem da vida, circunstância após circunstância, podendo «passar por qualquer situação da existência [por qualquer circunstância] com profunda tranquilidade, com possibilidade [ou capacidade] de alegria»²⁸, diz Dom Giussani. A contemporaneidade de Cristo revela-se, pois, indispensável para viver plenamente o sentido religioso, ou seja, para que ter a atitude certa diante da realidade.

Se, pelo contrário, Cristo não é vivido como contemporâneo, as consequências não se fazem esperar. A falta de experiência da contemporaneidade de Cristo faz-nos voltar à situação anterior ao encontro cristão e, mesmo que continuemos a falar de Cristo (como frequentemente acontece), nós na prática reduzimo-Lo a uma das muitas variantes do sentido religioso. «Para o homem moderno [esta é uma observação realmente

²⁴ Lc 6,44.

²⁵ 2Cor 5,17.

²⁶ Jacopone da Todi. “Lauda XC”. In: *Le Laude*. Florença: Libreria Editrice Fiorentina, 1989, p. 313.

²⁷ Giussani, L. *L'uomo e il suo destino*. Génova: Marietti, 1999, p. 117.

²⁸ Giussani, L. *O sentido religioso*, op. cit., p. 163-164.

agudíssima de Dom Giussani, que nos leva realmente a ter consciência da situação em que vivemos], a ‘fé’ seria genericamente apenas um aspecto da “religiosidade”, um tipo de sentimento com o qual viver a demanda irrequieta da nossa origem e do nosso destino, que é justamente o elemento mais sugestivo de qualquer “religião”. Toda a consciência moderna se agita para arrancar do homem a hipótese da fé cristã e para fazê-la voltar à dinâmica do sentido religioso e ao conceito de religiosidade, e infelizmente esta confusão penetra também na mentalidade do povo cristão»²⁹.

Há uma essencial e irredutível diferença entre as dinâmicas da fé e do sentido religioso: «Enquanto a religiosidade nasce da exigência de significado despertada no impacto com a realidade, a fé é reconhecer uma presença excepcional, totalmente correspondente ao próprio destino, e é aderir a essa Presença. A fé é reconhecer como verdade aquilo que uma Presença histórica diz de si mesma»³⁰. Essa diferença vê-se sobretudo no modo como a razão se move. Na fé cristã já não há uma razão que explica, mas uma razão que se abre à própria revelação de Deus – percebendo-se assim finalmente realizada na sua dinâmica. Dá para perceber, então, por que Dom Giussani diz que «o problema da inteligência [não do sentimento ou do estado de espírito] está todo [...] ali» no episódio de João e André³¹. A fé é um acto da razão movida pela excepcionalidade de uma Presença: «A fé cristã é a memória de um facto histórico em que um Homem disse de si próprio uma coisa que outros aceitaram como verdadeira e que agora, graças à maneira excepcional como esse Facto ainda me alcança, eu também aceito. Jesus é um homem que disse: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”. É um Facto que ocorreu na história: um menino, nascido de uma mulher, registado no cartório de Belém, que, quando cresceu, anunciava que era Deus: “Eu e o Pai somos um”. Dar atenção ao que fazia e dizia esse homem, de modo a conseguir dizer “eu creio neste Homem”, aderir à Sua presença afirmando como verdade o que ele dizia: isso é a fé»³².

Por isso: «Imaginem que desafio representa a pretensão da fé para a mentalidade moderna: a existência de um homem — a quem posso dizer “tu” — que diga “sem Mim, nada podeis fazer”, ou seja, a existência de um Homem-Deus. Já ninguém se confronta até o fundo com essa pretensão; hoje, nem o povo nem os maiores filósofos

²⁹ Giussani, L.; Alberto, S.; Prades, J. *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão: Rizzoli, 1998, p. 22.

³⁰ *Ibid.*

³¹ Giussani, L. *É possível viver assim?* vol II, Coimbra: Tenacitas, 2009, p. 97.

³² Giussani, L.; Alberto, S.; Prades, J. *Generare tracce nella storia del mondo*, op. cit., p. 22-23.

enfrentam esse problema, e, se o enfrentam, é para consolidar o preconceito negativo que deriva da mentalidade dominante. Por outras palavras, a resposta ao problema cristão — “Quem é Jesus?” — é deduzida de concepções preconstituídas sobre o homem e sobre o mundo. Jesus, porém, replica: “Vede as minhas obras”, ou seja, “vede-me a mim”, que é a mesma coisa. No entanto, Jesus não é encarado, é eliminado antes de ser tomado em consideração. A não-crença, portanto, é um corolário que deriva de um preconceito, é um preconceito aplicado, não a conclusão de uma investigação racional»³³.

Mas o que nos interessa agora é sobretudo pôr em evidência a consequência da rejeição do método escolhido por Deus para responder à exigência de significado total do homem, que é própria do sentido religioso: «Sem o reconhecimento do Mistério presente, a noite avança, a confusão avança e – como tal, ao nível da liberdade – a revolta avança, ou a desilusão enche de tal forma as medidas, que é como se a pessoa não esperasse mais nada, e vive-se sem desejar mais nada, excepto a satisfação furtiva ou a resposta furtiva a uma breve exigência»³⁴. Sem o reconhecimento da contemporaneidade de Cristo, o que desaparece é o humano verdadeiro, o impulso do sentido religioso. Já quem reconhece essa contemporaneidade vê a sua humanidade levada além de qualquer imaginação: «O facto de a nossa consciência, o nosso modo de pensar, e a nossa afeição, o nosso modo de amar, se converterem a Cristo significa que essa consciência e essa afeição são constantemente levadas, transportadas para onde não teriam pensado, são constantemente solicitadas a sair de si mesmas, saem de si mesmas, são constantemente levadas para um terreno, para um território que fica além do que se concebia ou sentia antes. É sempre no desconhecido que são introduzidas, é uma medida que se alarga: a consciência e a afectividade são introduzidas constantemente num horizonte imprevisto, mais além da sua medida»³⁵, e a vida adquire um alento, um alcance, uma intensidade nunca antes conhecidas.

Com isto, cada um de nós tem também o critério de uma verificação do seu caminho na fé, da sua educação para o sentido religioso: a exaltação da sua humanidade original. «Em verdade vos digo, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, não entrareis no Reino dos Céus»³⁶; esta poderia ser a fórmula resumidora de uma

³³ *Ibid.*, p. 23.

³⁴ Giussani, L. *Toda a terra deseja o Teu rosto*, Lisboa: Paulus, 2002, p. 131-132

³⁵ Giussani, L. *La familiarità con Cristo*. Cinisello Balsamo (MI): San Paolo, 2008, p. 135.

³⁶ Cf. Mt 18,3.

verdadeira educação do sentido religioso. E por isso Cristo chama bem-aventurados àqueles que a possuem: “Felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus»³⁷. Estes trechos mostram a verdadeira finalidade dessa educação: abrir-nos ao ponto de podermos ser preenchidos com uma coisa que não podemos produzir, mas que devemos aceitar, acolher, abraçar como um presente. Só quem tem esta simplicidade de criança, esta pobreza de espírito, tem a disposição para a acolher.

O trabalho que nos espera este ano sobre o texto d’*O sentido religioso* tem este nível de decisividade. Da seriedade com que o abordarmos dependerão a nossa realização como pessoas e a contribuição que podemos dar aos nossos irmãos homens.

(tradução: Durval Cordas, revisão: Ana Coimbra Gonçalves)

³⁷ Mt 5,3.